



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – HAB. JORNALISMO**

**DIEGO BEZERRA LÓS
JULIANA COSTA DE LIRA**

**REVISTA “LUGAR DISTANTE”:
DIVULGAÇÃO DOS ASPECTOS CULTURAIS DAS CIDADES
DE CAMPINA GRANDE (PB) E RECIFE (PE)**

**CAMPINA GRANDE-PB
JULHO/2014**

**DIEGO BEZERRA LÓS
JULIANA COSTA DE LIRA**

**Revista “Lugar Distante”:
Divulgação dos aspectos culturais das cidades de Campina Grande (PB) e Recife (PE)**

Relatório apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do diploma de Bacharel em Comunicação Social.

Orientadora: Profa. Dra. IngridFarias Fachine Oliveira

CAMPINA GRANDE-PB
JULHO/2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

L879r Lós, Diego Bezerra
Revista "Lugar distante"[manuscrito] : divulgação dos aspectos culturais das cidades de Campina Grande (PB) e Recife (PE) / Diego Bezerra Lós, Juliana Costa de Lira. - 2014.
45 p. : il.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Ingrid Farias Fechine de Oliveira, Departamento de Comunicação Social".

1. Revista. 2. jornalismo. 3. Memória. 4. Aspectos culturais de cidades. I. Título.

21. ed. CDD 070.175

**DIEGO BEZERRA LÓS
JULIANA COSTA DE LIRA**

**REVISTA "LUGAR DISTANTE":
DIVULGAÇÃO DOS ASPECTOS CULTURAIS DAS CIDADES DE CAMPINA
GRANDE (PB) E RECIFE (PE)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Graduação em Comunicação
Social da Universidade Estadual da Paraíba em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Bacharel em Comunicação Social.

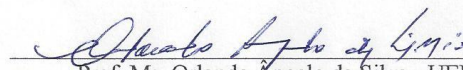
Aprovado em 01/08/2014

Nota: 10,0

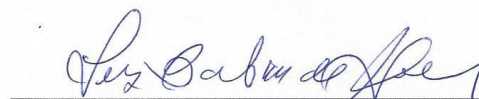
COMISSÃO EXAMINADORA



Prof. Dra. Ingrid Farias Fechine Oliveira - UEPB
Orientadora



Prof. Ms. Orlando Ângelo da Silva - UEPB
Examinador



Prof. Esp. Luiz Barbosa de Aguiar - UEPB
Examinador

AGRADECIMENTOS

Agradecimentos por Diego Lós

A Deus, que é amor e pela presença incondicional em todos os momentos.

Aos meus pais e professores, Décio e Graça; pelo amor, paciência e dedicação ao me educar. As professoras Natilde e Darci, pela contribuição fundamental ao entrar na Comunicação Social e a todos os familiares que auxiliaram direta ou indiretamente em minha formação profissional.

A Julio Cezar Peres, pela amizade, companheirismo e grande motivação na produção deste TCC e a todos amigos, colegas do Jornalismo e de outras áreas que conheci em Campina Grande.

Aos professores que tive na UEPB, representados na pessoa da prof^a Ingrid Fechine, pela orientação, paciência e incentivo para a realização deste TCC e por toda a sua dedicação aos alunos, além das oportunidades, conhecimentos aprendidos e viagens de pesquisa realizadas durante o curso, e também aos mestres que compõem a banca examinadora, os professores Orlando Ângelo e Luiz Aguiar.

Aos amigos da Secretaria Municipal de Educação do Cabo de Santo Agostinho, nas pessoas do secretário Elias Santos, Viviane Silva, Rosemberg Gomes e Jorge Luiz, pelo convívio de trabalho diário, amizade e apoio na produção deste TCC.

Aos artistas brasileiros: Lenine, Marisa Monte, Gilberto Gil, Manuel Bandeira e Chico Science, que com sua arte apurada ampliaram minha percepção a cerca do melhor que há na cultura e inconsciente coletivo brasileiros.

Ao Movimento Ocupe Estelita e ao Grupo Direitos Urbanos Recife; pela luta firme, cognitiva e organizada acerca da preservação do conjunto paisagístico e arquitetônico dos bairros de Santo Antônio e São José, que tanto enobrecem a cidade.

A todas as pessoas que não se rendem, ao colocar o amor a frente de tudo em suas vidas.

Agradecimentos por Juliana Lira

Agradeço a Ubirajara de Sousa Lira. Que me ensinou que na vida não existe “se”, existe esforço e dedicação. Pai, o senhor que ficava com seu gravador nas festas de família entrevistando todos, que me ensinou a dar o lugar aos mais velhos, a respeitar as pessoas e ser honesta. Onde quer esteja... Aí em cima... Domando as estrelas... Saiba que sou grata. Muito obrigada.

Agradeço a minha querida mãe, Fátima, sem a qual eu seria nada. Obrigada pelo esforço e trabalho para me dar educação de qualidade. Por toda a fé que sempre depositou em mim e amor. E principalmente por ser minha mãe.

Aos meus irmãos Jerlândia e Cleyton. Dadanda você me ensinou as primeiras lições e é, sem sombra de dúvida, a melhor irmã do mundo. Você, Cleyton, é meu companheiro de jornada e irmão. Nós três dividimos a vida e a história e sem vocês nada seria possível.

Agradeço aos meus amigos Robson Aqlines e Samantha Pimentel. Obrigada pelo apoio nesse trabalho. Pelos ouvidos atentos. Pelo incentivo e fé. Especialmente a você Mantha, obrigada por ter me mostrado o significado da palavra amizade.

Agradeço aos professores que alimentaram meu conhecimento. Em especial a professora orientadora Ingrid Fachine, pelos momentos em que foi a calma em meio à tempestade... E aos queridos professores Orlando Ângelo e Luiz Aguiar que compõem a banca e que tanto me ensinaram sobre ética e amor à profissão.

A você meu amado Andro. Terra, para o ser Lua que eu sou. Por ser meu braço direito e esquerdo. Por aguentar meus momentos trancada e minhas noites acordada, escrevendo. Por sempre me apontar o céu quando eu penso em desistir de voar... Você que é meu confidente, meu amigo e amor, meu agradecimento mais doce e terno. Obrigada.

E ao Senhor meu amado Deus. Por ser a mais sublime expressão de amor e o detentor eterno da minha fé. Obrigada por ser e por me permitir estar sendo...

Sempre amarei vocês.

RESUMO

Este Relatório Técnico apresenta a construção da revista “Lugar Distante”. A proposta da publicação é informar e refletir sobre assuntos relacionados à memória afetiva de cidades e os desafios dessas comunidades brasileiras na preservação dos espaços e histórias que compõem o patrimônio cultural nacional. De interesse para a memória e identidade da sociedade brasileira, a revista é destinada a diversos setores que estejam interessados no conhecimento e preservação de ações, histórias de indivíduos ou comunidades e lugares que tenham ou tiveram relevância para o inconsciente coletivo do país e que muitas vezes estão pouco visíveis na grande mídia. A metodologia consta de leitura da bibliografia sobre Jornalismo. As reportagens foram realizadas a partir de pesquisas de campo, principalmente com cidadãos de Campina Grande (PB), do Recife (PE), além de outras cidades paraibanas. Trechos de trabalhos acadêmicos de profissionais foram destacados, principalmente da área de jornalismo, antropologia, história, arquitetura e urbanismo, que atentam para a temática. Dessa forma, desenvolve-se um produto midiático que contribui para a construção de um pensamento de preservação do patrimônio cultural brasileiro.

Palavras-chave: Revista. Jornalismo. Memória.

ABSTRACT

This technical report presents the construction of the 'Distant Place' magazine. The proposal of publication is to inform and reflect on issues related to emotional memory of cities and the challenges these Brazilian communities in the preservation of spaces and stories that make up the national cultural patrimony. Of interest to the memory and identity of Brazilian society, the magazine is aimed at various sectors that are interested in knowledge and preserving of actions, shares stories of individuals or communities and places that have or had relevance to the collective unconscious of the country and often are barely visible in the mainstream media. The methodology is made up reading of bibliography on Journalism. The journalists reports were taken from field research, mainly citizens of Campina Grande (PB), Recife(PE), and other paraibanas cities. Excerpts of scholarly professional were featured, mainly in the areas of journalism, anthropology, history and architecture and urbanism, to call attention to a theme. Thus, the media product contributes to the the construction of a thought of preserving the rich cultural heritage of Brazil.

Keywords: Magazine. Journalism.Memory.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO	11
2.1 Descrição dos Procedimentos (do Planejamento às Estratégias Logísticas)	11
2.2 Custos	14
2.3 Aportes Teóricos	15
2.2.2 Apuração e entrevistas	15
2.2.3 A reportagem	18
2.2.4 Imagem	20
3 DETALHAMENTO TÉCNICO	22
3.1 Descrição do Produto	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
REFERÊNCIAS	42
REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS	43

1 INTRODUÇÃO

A revista “Lugar Distante” é um produto midiático voltado para a divulgação dos diversos aspectos culturais das cidades de Campina Grande (PB) e Recife (PE), como forma de apresentar questões relacionadas à memória e a preservação de espaços.

A revista terá circulação nas cidades de Campina Grande e Recife, trazendo editoria sobre a memória de cidades, através de pessoas do povo que guardam suas lembranças e de seus lugares. A relevância está em colaborar para a propagação de informações sobre o estado do patrimônio das cidades estudadas, reflexão acerca da conservação da história, valorização das lembranças de moradores e incentivo à valorização da cultura local.

Nesse sentido, o objetivo da revista “Lugar Distante” é fomentar uma reflexão acerca de como as pessoas conservam e lidam com suas memórias e seus patrimônios, representadas pelos cidadãos dos municípios de Campina Grande (PB) e Recife (PE). Para tanto, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- Mostrar histórias e memórias de pessoas e patrimônios culturais;
- Refletir sobre o contraste do pensamento atual do país que ignora a rápida destruição do antigo pelo novo, como forma de progresso;
- Apresentar textos literários que discutam as mudanças da nossa sociedade.

Dos relatos citados, a saudade de uma praça que ainda existe e que, no entanto, não é a mesma praça de quando o menino brincava e passava o tempo. Lugares que guardam uma história de uma comunidade. Histórias de gente. Histórias vividas por pessoas que passam despercebidas no dia a dia e, contudo, têm tanto a contar. Tudo isso nos inquietou ao ponto de criar um produto com essa linha de pensamento.

Por ser um projeto que trata de memórias, não limitamos o alcance nem o local de pesquisa para obtenção do material jornalístico. Qualquer história que possa ser contada e conhecida, a fim de aproximar mundos distantes e próximos ao mesmo tempo, torna-se pauta para a revista “Lugar Distante”. Nesse sentido, o filósofo Walter Benjamin define memória da seguinte forma “a memória é uma tessitura feita a partir do presente, é o presente que nos empurra em relação ao passado, uma viagem imperdível, uma viagem necessária, uma viagem fundamental, para que a gente possa trazer à tona os encadeamentos da nossa história, da nossa vida, ou da vida do outro”. (BENJAMIN apud GALZERANI, 1999,p. 8).

Também sobre memória Bosi afirma: “Na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho”. (BOSI,1995 ,p. 55)

A ideia parte da necessidade de falar de um lugar onde a história das nossas memórias foi e é construída. Lugar que pode ser físico, como uma praça, ou apenas existir na nossa lembrança. E do nosso desejo de ver como a sociedade trata sua história e sua cultura.

A primeira edição da revista e a disponibilidade da equipe formada por um pernambucano e uma paraibana busca em seu conteúdo falar sobre as histórias de pessoas de Recife e de cidades paraibanas, especialmente, Campina Grande. Por estes aspectos, nos perguntamos que relevância tem esse produto midiático para os estados abordados na edição?

Para responder tal questionamento observemos que a partir do momento em que produzimos um material jornalístico sobre a história desses lugares, estamos servindo como instrumento de informação sobre o patrimônio e a memória. “Assim, ao falarmos de patrimônio estamos lidando com história, memória e identidade, conceitos inter-relacionados cujos conteúdos são definidos e modificados ao longo do tempo” (OLIVEIRA, 2009, p. 114).

A conservação da história e do patrimônio é, também, uma responsabilidade do povo que, muitas vezes, não se preocupa em zelar e proteger sua memória, por não dar o valor que merece, como afirma Funari (2001, p.3): “Para o povo, há, pois, um sentimento de alienação, como se sua própria cultura não fosse, de modo algum, relevante ou digna de atenção”. Um produto midiático que demonstre a importância dessa base histórica, dessas memórias, pode contribuir de alguma forma para o despertar de tal “alienação”.

Quando contamos a história de alguém, das suas vivências e emoções, o leitor passa a ser conectar empaticamente com a narrativa. Se identificar com suas próprias histórias e vivências. Ao realizar matérias sobre pessoas que passariam despercebidas no cotidiano, por serem consideradas comuns, mas que, no entanto, possuem um rico material histórico, aproximamos outras pessoas, também, “comuns” desse material jornalístico.

Também nós, que fazemos a revista, vivenciamos as experiências dos nossos entrevistados. Como afirma Campos (2009, p.135): “Por outro lado, para transmitir a “vivência” do outro, é necessário que o próprio jornalista se faça “outro”, de tal modo a passar para o receptor não a narrativa da experiência, mas a experiência em si, que agora já será como que “sua” experiência, por estar incorporado nela”.

A metodologia utilizada neste trabalho foi elaborada mediante pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. A pesquisa bibliográfica deu suporte à parte teórica do presente relatório, com leituras de Piza (2009), Lage (2008), Lemos (1987), Bosi,(1995) e a pesquisa de campo

foi utilizada no desdobramento e elaboração da revista, utilizando técnicas e teorias aprendidas durante a graduação.

Apresentada essa conjuntura, é possível observar a relevância desta publicação na valorização da memória individual e coletiva no eixo Paraíba-Pernambuco, no auxílio da memória histórica e na fomentação de uma cultura de preservação ao patrimônio.

Destacamos ainda que um debruçar dedicado, feito através de procedimentos técnicos e elaborações criteriosas de pautas, asseguraram o desempenho e o resultado final do produto. Utilizando-se de livros, artigos e periódicos e, sobretudo, das histórias orais contadas pelas pessoas desses lugares, que na grande maioria das vezes não são registradas em publicações.

Neste relatório mostramos o planejamento, a execução e o detalhamento técnico do produto final composto de matérias de cunho cultural, histórico e comunitário.

CRONOGRAMA

O cronograma abaixo apresenta a relação do tempo com as atividades realizadas na elaboração do produto midiático “Lugar Distante”.

Figura1: Cronograma

Atividades	Abril	Mai	Junho	Julho
Elaboração do projeto	X			
Reunião de pauta	X			
Elaboração de matérias		X		
Produção de fotografias		X		
Edição de matérias		X		
Diagramação			X	
Revisão			X	
Impressão			X	
Apresentação				X

2 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

2.1 Descrição dos Procedimentos (do Planejamento às Estratégias Logísticas)

A ideia deste projeto surgiu de um pré-projeto de revista que elaboramos na disciplina de Redação em Revista. Pensamos por que não utilizar o mesmo para criação do nosso Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Até porque desde o início, a nossa ideia era fazer com que a revista se tornasse uma realidade de mercado no futuro.

Com este pensamento, partimos para a pesquisa de campo, de meios para viabilização do projeto com leituras sobre jornalismo, além de outros temas como: patrimônio, antropologia, textos que falavam sobre memória. Daí, partimos para elaboração do que queríamos na nossa revista.

Elaborado um esboço mais detalhado do projeto, partimos para análise de mercado; como faríamos a distribuição; quem seriam nossos concorrentes e público-alvo; bem como, a região em que a revista circularia (o eixo Paraíba-Pernambuco).

Resolvemos que este primeiro exemplar teria como objetivo apenas a conclusão do nosso curso e que depois com esse portfolio em mãos partiríamos para obtenção de recursos financeiros para a produção e lançamento da “Lugar Distante” no mercado. Ainda analisando a questão de custos, fomos a várias gráficas e verificamos o alto custo da impressão. Observamos que sairia mais barato se nós mesmos imprimíssemos o material. Fiz então, a aquisição de uma impressora Epson L355 no valor de 800 reais, que imprime até nove mil cópias. Decidimos, portanto, imprimir cinco exemplares da revista para esse produto de caráter acadêmico, também por conta dos custos.

Na elaboração do projeto, definimos como seriam as nossas reuniões realizadas via internet. O fator tempo pessoal foi um agravante. Em Recife, dentre as dificuldades, foi o fator que pesou. Por trabalhar (Diego) no município do Cabo de Santo Agostinho, na Região Metropolitana do Recife, cerca de 40 km de distância de minha residência na capital, com um trajeto com trechos de trânsito bastante congestionado, que tornam a duração de deslocamento de cinco a seis horas diária, não sobrou mais que curtos horários à noite durante a semana, os dois dias de finais de semana, bem como alguns dias gentilmente cedidos pela organização na qual trabalho, já que a grande parte das instituições de pesquisa funciona durante o horário comercial.

Também, em Campina Grande (Juliana), o fator tempo pessoal foi ponto de dificuldade, pois a cerca de um ano passei a coordenar o setor no qual trabalho na Prefeitura

da cidade, tendo que trabalhar os dois expedientes, sem poder abandonar o setor de trabalho e o fato de ser aluna de um curso noturno fez com que sobrassem, apenas, alguns horários à noite durante a semana e os finais de semana. Mas como o amigo Diego Lós, ressalto a colaboração da organização a qual trabalho que cedeu gentilmente alguns dias para o andamento do projeto.

Algumas das matérias foram feitas no fim de semana como a da Pedra do Touro em que viajei a Queimadas. Foi uma grande aventura e me proporcionou a satisfação que só o jornalismo nos dá ao coletarmos bons dados e imagens bastante interessantes.

Além dos problemas de tempo, de equipamentos e de recursos financeiros, contamos com os problemas típicos de qualquer jornalista. Algumas pautas caíram durante o processo, a pauta da seção de arqueologia, por exemplo, era para visitarmos um sítio arqueológico nas imediações de Campina Grande, no entanto, o arqueólogo que nos levaria até o local ficou indisponível. Tentei ir acompanhada de dois amigos ao local, mas não conseguimos achar a localização exata, em virtude de ser em local isolado, depois do Sítio Lucas e em local desabitado. Em nova reunião, com mais pesquisas, optamos pela ida a Pedra do Touro, que, também, seria um desafio no campo físico, mas que conseguiria ser viável.

Tivemos dificuldade com a Seção Entrevista. Durante um mês, tentamos realizar uma entrevista com o historiador Thomas Bruno, presidente da Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA). Mas ele sempre adiava ou estava com várias atividades que impediam o encontro. Ele nos pediu para realizarmos a entrevista por e-mail, mas após envio da mesma não obtivemos resposta por dias. Fizemos reunião e optamos por procurar outro entrevistado da área que tivesse a disponibilidade de tempo.

Figura 2: Imagem da seção Entrevista

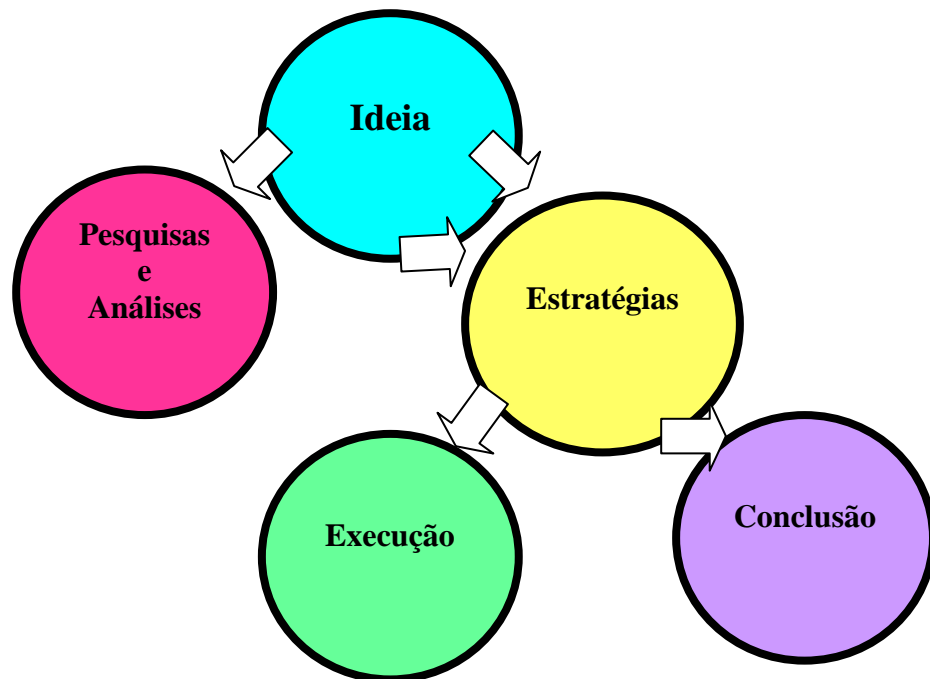


Para diagramação e elaboração deste relatório utilizamos o Word e PDF. Para a diagramação da revista utilizamos o Adobe InDesign CS3 e o PDF.

No tocante a construção deste relatório, os aportes teóricos foram adquiridos através de bastante leitura, mas também dos conhecimentos adquiridos nos anos em que, enquanto alunos, estivemos sendo orientados por nossos professores no decorrer da nossa vida acadêmica. Todos os fatos expostos nesse relatório são verídicos e transcorreram ao longo dessa aventura que foi realizarmos essa revista. Uma aventura bem orientada e embasada, além de emocionante.

Para o desenvolvimento do nosso projeto, foi elaborada uma figura representando estas fases de elaboração do projeto.

Figura 3: Etapas do Projeto



2.2. Custos

Procuramos realizar o projeto da Revista “Lugar Distante” da forma mais econômica possível. Segue a descrição dos custos para a sua produção.

Custos em Recife

- Passagens ida e volta para as instituições de pesquisa e idas aos locais de entrevista dentro do Recife – cerca de 20 passagens –total: 43 reais.

- Passagens de ida e volta Recife – Campina Grande – Recife, para empréstimo da câmera e assinatura do termo de compromisso de apresentação do TCC (Devolução da câmera com o auxílio de amigos íntimos e de confiança, que estiveram no Recife e em Campina Grande) – 80 reais.

- Aquisição de um smartphone Nokia Lumia 520 para servir na captação de imagens (o celular antigo tinha resolução muito baixa de 2 MP e as fotos não tinham qualidade) – 420 reais.

- Aquisição de livros diversos para auxiliar na produção da revista, bem como na referência bibliográfica – 70 reais.

- Pagamento de sete mensalidades de serviço de internet, fundamental para a comunicação na produção do projeto – 245 reais.
- Duas aquisições de chips de celular e várias recargas realizadas, para promover a comunicação entre os celulares das fontes e comunicações emergenciais com a dupla de TCC – 70 reais.

Custos em Campina Grande

- Passagens ida e volta para as instituições de pesquisa, locais de entrevista e UEPB, durante os meses do projeto. Cerca de 50 passagens – 105,00 reais.
- Viagem até Queimadas para produção da matéria Pedra do Touro – 20 reais.
- Aquisição de uma impressora Epson L355 para uso de impressões da revista e do relatório – 800 reais.
- Aquisição de Livros diversos para auxiliar na produção da revista, bem como na referência bibliográfica – 68 reais.
- Pagamento de sete mensalidades de serviço de internet, fundamental para a comunicação na produção do projeto – 448 reais.
- Várias recargas realizadas, para promover a comunicação entre os celulares das fontes e comunicações emergenciais com a dupla de TCC – 100 reais.
- Ingredientes para a matéria Doce Afrodisíaco – 15 reais.

Somando-se assim um TOTAL de 2.484 reais no custo geral da elaboração e execução da revista.

2.3 Aportes Teóricos usados na Produção do Produto

Durante os anos em que se transcorreu a nossa trajetória acadêmica, fomos privilegiados com saberes teóricos que colaboraram para o nosso aprendizado e nos proporcionaram um crescimento ético e uma visão ampla do fazer jornalístico, sem os quais não seria possível nem a nossa construção como profissionais, nem a elaboração e desenvolvimento da nossa revista. Estes saberes foram o nosso suporte e os descreveremos nas etapas em que os aplicamos a seguir.

2.2.1 As pautas

As pautas foram a base de construção sobre as quais edificamos as nossas matérias. Graças ao planejamento prévio que nos assegurou a garantia de foco e do interesse editorial, podemos dar o pontapé inicial para o desenvolvimento das matérias e a orientação para as mesmas.

Tendo em vista a questão de logística, o aluno Diego Bezerra Lós, residente em Recife e a aluna Juliana Lira, em Campina Grande, para a execução do nosso trabalho, ambos elaboramos pautas, que foram debatidas em conjunto, colocando, assim, a sua contribuição e ideia. As pautas levantadas por nós seguiram a linha editorial da revista, entendendo que a linguagem de revista difere da de um jornal por ter esta um discurso próprio. Sobre isso Nilson Lage discorre:

A revista, bem mais do que o jornal, obedece a um discurso institucional que lhe é próprio: Magazines sobre automóveis vendem a cultura do automóvel (não necessariamente produtos de uma fábrica ou marca); os de informática, a cultura dos computadores; as de arquitetura, certos padrões de gosto e estilo; as eróticas, alguma estética e certa ética ainda que liberal. A identificação do leitor dessa ideologia ou forma de ver o mundo é o segredo de marcas como Time, Playboy ou The National Geographic Magazine (LAGE, 2008, p. 29).

As reuniões de pauta aconteceram com uso da tecnologia e da internet, Skype, Facebook, twitter e telefone, que auxiliaram nesse processo. A internet, inclusive, teve um papel crucial, sem ela nosso trabalho talvez tivesse ficado inviável tanto pela questão de logística, como pela questão financeira, pois teríamos tido um gasto elevado em viagens e contas telefônicas. Realizamos pesquisas em sites, revistas e livros¹, e usamos nosso conhecimento de mundo, para construção de pautas que produzissem um interesse no nosso leitor. Como na elaboração da pauta da Pedra do Touro, em que buscamos inspiração no site da SPA, depois em grupos do Facebook encontramos trilheiros que eventualmente realizam expedições à Pedra.

O planejamento do trabalho jornalístico é viabilizado pela pauta, que situa o repórter do tema abordado com histórico do assunto, estabelece contatos, orienta quanto a locais que se deve ir, com quem se deve falar, facilita o trabalho com roteiros de perguntas a serem feitas aos entrevistados, indica materiais a serem usados, entre outras coisas. Além de planejamento a pauta traz outras funções. Segundo Rossi (2005, p.20): “A pauta funciona em duas direções: orienta repórteres para o que devem fazer no seu dia-a-dia e informa as chefias, os

¹ Todos os sites, revistas e livros estão citados nas Referências.

diretores e/ou proprietários das diversas publicações sobre quase tudo aquilo que está sendo trabalhado pela redação”.

Como descrito acima, a pauta, também, serve para saber o que está sendo trabalhado na redação. Para nós, que não tínhamos contato físico, isso foi imprescindível para sabermos o que cada colega estava fazendo durante essa trajetória e nos forneceu a tranquilidade necessária para desempenharmos nossas funções individuais.

Foi em nossa primeira reunião de pauta que identificamos as nossas maiores dificuldades. Como já mencionamos, a logística era uma delas. Outra dificuldade foi quanto ao material que utilizaríamos nesse processo. Precisamos de máquinas fotográficas que tivessem uma excelente qualidade, já que parte do nosso trabalho seria fotografar lugares e prédios e mostrar a real situação dos mesmos. Uma dessas máquinas teria que ficar em Recife e a outra em Campina Grande. Não tínhamos o material, então tínhamos que elaborar estratégias para desenvolver o trabalho.

Combinamos que gravaríamos as entrevistas nos nossos próprios celulares, que hoje em dia fornecem tecnologia para isso. Estabelecemos horários para discussão do andamento dessas pautas. Ficando estabelecido que nos reuniríamos sempre às sextas-feiras, às 20 horas, pelo Skype ou facebook e caso houvesse alguma impossibilidade, esses encontros passariam para o sábado no mesmo horário.

Nesta reunião, levantamos as ideias para os temas das matérias a serem elaboradas, foram infundáveis as ideias que surgiram, muitas delas impossibilitadas pelos nossos recursos. E acabamos focando nas ideias possíveis. Elaboramos pautas para cada seção que já tínhamos criado na elaboração do pré-projeto e com o desenrolar das ideias acabamos criando seções novas e pautas para cada uma delas. Seções estas já mencionadas anteriormente.

2.2.2 Apuração e entrevistas

Quando saímos a campo para obtenção de informações foi preciso o máximo de cautela na obtenção de dados. Podemos entrevistar dez pessoas acerca de um tema e cada uma delas dirá coisas novas e diferentes da anterior. Por isso, a preocupação em obter informações que sejam verdadeiras. Por exemplo, quando comecei a coletar informações sobre o porquê do nome Pedra do Touro, surgiram diversas explicações, desde que se criavam touros em cima da pedra, até que havia um alto índice de infidelidade nas imediações. Após ouvir todas optei por obter essa informação de um arqueólogo que conhecia a história do lugar e esta foi

confirmada por outros. Kovach e Rosentiel (2004) nos orienta a procurar várias testemunhas de um mesmo fato:

Mesmo não dispondo de nenhum código sobre o assunto, os jornalistas funcionam apoiados em algum tipo de método, altamente pessoal, para testar e fornecer a informação – sua própria disciplina individual da verificação. Essa disciplina consiste, entre outras práticas, em procurar várias testemunhas de um fato, descobrir novas fontes, indagar sobre os vários lados de uma questão (KOVACH; ROSENTIEL, 2004, p. 112).

A obtenção desses fatos mediante entrevista é imprescindível. Lage (2008) classifica a entrevista em 4 tipos: *ritual*, *temática*, *testemunhal* e *em profundidade*. Durante o desenvolvimento da nossa revista, realizamos entrevistas informais, de profundidade e temática. Segundo Lage (2008), as “entrevistas em Profundidade” são as que não têm um tema específico, nos possibilita tratar um perfil do entrevistado, mostrando a visão de mundo que o mesmo tem. Já a temática, aborda temas específicos e são, em geral, com autoridades que dominem o assunto. Mas foi com as entrevistas informais que ganhamos a maior parte do nosso material, com pessoas simples nos contando suas histórias e experiências, saudades e memórias. Sobre isso, afirma Altman(1995*apud* CAMPOS, 2002, s/p) “a entrevista transforma o cidadão comum em líder, dono da palavra, professor, uma pessoa incomum”.

A maior parte das entrevistas foi realizada em campo, sendo que algumas dúvidas extras foram tiradas mediante internet e telefone. Por telefone, entramos em contato com a maioria. Outros contatos, como o que foi feito com o arqueólogo, foi realizado pelo facebook e posteriormente marcado um encontro *in loco*. A entrevista para a seção de receitas, também, teve início pelo facebook. Com perguntas objetivas e pequenas, conseguimos obter inúmeros relatos, que enriqueceram muito o nosso trabalho, a seção “Saudade de quê?” é um exemplo disso.

2.2.3 A reportagem

A reportagem é o carro chefe de toda a revista. É ela que difere o jornalismo de revista do jornal diário. Com narrativas longas, mais aprofundadas e um toque atrativo que oferece um algo mais ao leitor. Sodré e Ferrari (1986, p. 15) definem as principais características da reportagem: “a) Predominância da forma narrativa, b) humanização do relato, c) texto de natureza impressionista, d) objetividade dos fatos narrados”. Essa narrativa é que difere dos outros meios de comunicação, é possível ter um texto mais humanizado, que tem o olhar

voltado para diversos ângulos. O jornalista pode criar um estilo próprio, incentive o leitor a querer se informar cada vez mais. Segundo Scalzo (2003, p. 77):

Jornalismo, não é literatura, mas técnicas literárias podem ajudar, e muito, um jornalista a escrever melhor. Cores, cheiros e descrições cabem no texto de revista. Apresentar os personagens, humanizar as histórias, dar o máximo de detalhes sobre elas, também. Aprender técnicas de construção de personagem e técnicas narrativas e descritivas é fundamental para quem quer escrever grandes reportagens.

É um desafio escrever reportagens que exigem além de aprofundamento uma escrita que encante o leitor. Para Sodré (1976, p. 45), “O estilo de um bom profissional de revista poderia ser definido como a técnica de isenção e do encantamento. É um estilo que fica a meio caminho entre o discurso denotativo e a literatura, combinando, às vezes, os dois sistemas”. Essa não é uma tarefa fácil, algumas vezes encontramos dificuldades, ainda mais se tratando de um produto elaborado por dois alunos que desenvolveram todas as atividades: pauteiro, repórter, fotografo, editor e diagramador.

A dificuldade em se produzir um bom texto, seja de que natureza for, é comum a todos os que se propõem a escrever. Em jornalismo de revista semanal de informações, talvez um pouco mais. Para os estudantes de jornalismo, a hora de escrever para uma revista, mesmo não sendo a primeira, pode significar o início de uma perigosa aventura (BOAS, 1996, p. 13).

Para a produção das reportagens, primeiramente, foram realizadas pesquisas bibliográficas. Estas se deram a partir de livros próprios adquiridos ou mesmo de instituições que contribuíram nesta busca, como o Arquivo Público Estadual de Pernambuco, Museu da Cidade do Recife, Biblioteca da Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco (Fundarpe) e Paço do Frevo, localizados nos bairros da Boa Vista, de Santo Antônio e do Recife Antigo.

A fim de encontrar as fontes das reportagens na capital pernambucana, foram realizadas várias visitas aos mais diferentes personagens que ilustraram as páginas da revista. Os locais visitados foram os históricos bairros de Santo Antônio e São José, o bairro do Pina ou mesmo os empreendimentos sociais e pessoais realizados às margens do rio Capibaribe, nos bairros de Poço da Panela e da Jaqueira. A partir da grande ajuda dos funcionários dessas instituições, onde se realizaram as pesquisas bibliográficas, bem como das pessoas que trabalham nesses bairros foi possível chegar aos personagens que guardam tão valiosa memória sobre o povo brasileiro.

Em Campina Grande, também, foram realizadas visitas aos locais abordados para obtenção de dados e enriquecimento das reportagens. Na reportagem acerca dos costumes da Comunidade Hare Khrisna, passei um domingo na comunidade, onde, vale salientar, fui muito bem tratada e acolhida, visitei as casas dos moradores, participei do momento religioso, tive o corpo aspergido por incenso do ritual religioso, almocei junto com os membros da comunidade, comendo até coisas que normalmente não comeria. Posteriormente, entrei em contato, mais uma vez, para suprir informações necessárias. As imagens foram tiradas todas por mim com uma máquina profissional, emprestada pela jornalista Samantha Pimentel, que fez a gentileza de me acompanhar nessa aventura.

Foi este comprometimento e entrega que nortearam a construção das nossas narrativas, passando após para a difícil tarefa de diagramação.

2.2.4 Imagem

Muitas vezes, as reportagens que chamam atenção são as que têm imagens mais bonitas, ilustrações interessantes, diferentes. Como pode reafirmar a pesquisa feita pela revista *Veja* citada por Marília Scalzo (2008), que mostrou leitura de apenas 9% dos leitores na matéria de uma coluna, sem foto ou ilustrações. Enquanto que a mesma pequena matéria quando acompanhada de uma foto ou ilustração é lida por 15% deles.

Por isso, nos preocupamos com a elaboração de imagens interessantes. Que só foram possíveis mediante empréstimos de equipamentos de amigos e da UEPB. Em Recife, foi utilizada por um período curto de sete dias, durante o reduzido tempo de horário pessoal, uma câmera fotográfica Sony Cybershot, emprestada da Universidade Estadual da Paraíba, com prazos gentilmente renovados pelos funcionários do Departamento de Comunicação Social da UEPB.

Entretanto, mesmo assim, fez-se bastante necessária a aquisição de um equipamento próprio, um smartphone Windows Phone - Nokia Lumia 520, para haver então a possibilidade de um maior aproveitamento dos recursos tecnológicos no registro de fotos e gravações de depoimentos dos entrevistados, durante os horários pessoais disponíveis.

Outra máquina, de igual marca, também cedida pela universidade, foi usada em Campina Grande pelo período de 30 dias. E não podendo ser renovada. Sendo assim, as demais fotos foram conseguidas através de câmeras emprestadas ou mesmo tiradas pelo celular, um smartphone Samsung Duo.

As imagens utilizadas foram selecionadas com rigor por ambos os alunos e após e extensa pesquisa de projetos gráficos e editoriais, em que foram observados o uso das cores, impacto de imagens e atratividade, optamos por um projeto inicial mais simples sem a manipulação das imagens por nós utilizadas.

3 DETALHAMENTO TÉCNICO

3.1 Descrição do Produto

“Lugar Distante” é um produto midiático de conclusão do curso de Comunicação Social da UEPB. A revista nasceu com a ideia de ser um diferencial quanto à forma de abordar as memórias de lugares físicos ou imateriais. Esses lugares que podem ser apenas memórias como no poema de Manuel Bandeira (1959, p.304): “Vão demolir esta casa. Mas meu quarto vai ficar. Não como forma imperfeita neste mundo de aparências. Vai ficar na eternidade. Com seus livros, com seus quadros. Intacto, suspenso no ar!”.

O cronograma do nosso projeto teve início no mês de maio de 2014. No entanto, a sua elaboração começou bem antes, quando iniciamos o pré-projeto durante a disciplina de Redação em Revista.

Nossa proposta é apresentar a história de lugares e de pessoas, valorizando a oralidade de cada caso narrado. Quando falamos sobre um patrimônio, uma praça, igreja ou banco, procuramos olhar não apenas a arquitetura, mas as reminiscências daquele local. Ao procurarmos uma receita culinária, queremos não apenas os ingredientes e modo de fazer, mas as histórias por trás da sua criação. E para isso damos voz aos nossos entrevistados, sejam eles autoridades ou pessoas comuns. Com isso a revista aborda histórias cotidianas, arqueologia, patrimônios ameaçados pelo tempo e ou o descaso, patrimônios tombados, iniciativas efetuadas por pessoas simples para preservação da nossa história. Apresentando interesses que abarcam o jornalismo cultural, a revista, algumas vezes, faz uso de uma linguagem mais literária. O que faz com que o leitor se aproxime ainda mais dos fatos narrados.

Sabemos que a revista é o meio de comunicação que nos dá não só essa liberdade jornalística para usar esse tipo de linguagem, como quase que nos instiga a procurar formas de atrair com o leitor ao lhe oferecer reportagens e matérias verdadeiras e bem apuradas, mas com um algo a mais. É necessário oferecer mais que o lide comum. É preciso ter um diferencial dos jornais diários. Tratando sobre essa necessidade do estilo mais literário na revista, Sérgio Villas Boas (1996, p.9) afirmou:

Considerados os valores ideológicos do veículo, não há regras muito rígidas. Há, isto sim, uma conciliação entre as técnicas jornalística e literária. Não fazem exatamente literatura, porque jornalismo não se expressa por supra-realidades. Ao contrário, tratam de uma realidade comum a todos. Mas a técnica literária é perfeitamente compatível com o estilo jornalístico. O estilo magazine, por sua vez, também guarda suas especificidades, na medida em que pratica um jornalismo de maior profundidade. Mais interpretativo e documental do que o jornal, o rádio e a

TV; e não tão avançado e histórico quando o livro-reportagem (VILLAS BOAS, 1996, p. 9).

“Lugar Distante” não busca um público definido. O seu público-alvo abrange desde interessados em organização urbanística (arquitetos, sociólogos, políticos, jornalistas), ambientalistas e, de um modo geral, setores da sociedade que se interessam pela memória social, bempúblico e cultura popular. Ela é elaborada não com o propósito de atender uma demanda mercadológica, e sim, um público que por ela se interesse. Como exemplo, podemos dizer que historiadores e arqueólogos podem se interessar por reportagens e entrevistas que tratem de arqueologia, história e patrimônio, mas profissionais da área da medicina, que estejam buscando, unicamente, revistas voltadas para os avanços da medicina e ciência, não. O que, de maneira alguma, impede um médico de, por algum tipo de empatia, se identificar com alguma das histórias contadas na revista. O exemplo se aplica as demais profissões e classes sociais.

Esta é uma revista elaborada para contar a história de gente, suas experiências e cultura. E isso acaba abrangendo todos os meios sociais. “Uma riqueza de temas e implicações no jornalismo cultural que também não combina com seu tratamento segmentado; afinal, a cultura está em tudo, é de sua essência misturar assuntos e atravessar linguagens” (PIZA, 2009, p.7).

As editorias escolhidas nessa revista foram pensadas com essa preocupação de “[...] misturar assuntos e atravessar linguagens [...]” (PIZA, 2009, p.7), para disseminar cultura. Nesse contexto, o presente produto apresenta 32 páginas divididas em dez seções fixas, podendo ser acrescentado algum material novo em cada edição. São elas: Editorial; “Saúde de quê?”; Patrimônio; Tesouros Ameaçados; Comportamento; Gente que faz; Entrevista; Receita; Conto; Crônica; Poesia; Arqueologia e o espaço para publicidade.

Editorial: Consiste, como o próprio nome diz, no editorial que transmite a posição particular da revista. Um texto crítico que costuma ser curto. Segundo Santos Filho e Lima (2011, p.95), “esse gênero consiste em um texto opinativo que expressa a opinião coletiva dos responsáveis pela redação do jornal”. Tratando-se assim de texto opinativo que tem como objetivo provocar no leitor questionamentos e discussões sobre os assuntos abordados, segundo a ótica de seus editores. Aqui damos o nosso ponto de vista e esperamos fazer com que o leitor pense a respeito.

Figura 4: Imagem do Editorial

EDITORIAL

Preservando a memória

A principal característica que diferencia o homem dos outros animais é o pensamento. O homem é um ser racional, que não apenas caga o que come, mas elabora maneiras de preparar aquele alimento, põe significado. Ele não procura abrigo só para se proteger do frio e da chuva, mas constrói verdadeiros monumentos. Cria ritos e símbolos, crenças, cultura. A história da humanidade está impregnada do constante movimento criador que o bicho homem produz e que provoca mudanças no mundo. Mudanças que modificam o nosso habitat. Temos uma extensa história para ser contada. E ela é contada nas nossas construções, nos nossos sítios arqueológicos, pela voz do nosso povo. Infelizmente muito desse patrimônio histórico vem se perdendo ao longo do tempo. Sendo derrubado em prol do progresso ou pelo descaso das autoridades públicas. Memórias feitas de concreto, sendo destruídas. Memórias guardadas em um lugar distante, lá... nas lembranças do nosso povo. Em vista desses fatos a revista Lugar Distante, traz a proposta de levar ao nosso leitor memórias. Nesta primeira edição mostramos essas memórias nas cidades de Campina Grande na Paraíba e na cidade de Recife em Pernambuco. Fomos também até um sítio arqueológico, na Pedra do Touro em Quimadas, cidade vizinha de Campina Grande. Seja através de uma construção, uma pintura rupestre, ou pela voz do nosso povo, o homem conta sua história. Queremos conta-la. Queremos ouvi-la e mais que tudo, queremos preservá-la!

Bom Leitura!

Diego Lós **Juliana Lira**

Editores

uepb
Universidade
ESTADUAL DA PARAÍBA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA

UEPB

CAMPUS I

CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
APLICADAS

CCSA

CURSO BACHARELADO EM
COMUNICAÇÃO SOCIAL

HABILITAÇÃO JORNALISMO

ALUNOS: DIEGO LÓS
JULIANA COSTA DE LIRA SILVA



Julho de 2014 Lugar Distante 3

Gente que Faz: Mostra atitudes de cidadãos que de algum modo encurtam distâncias, sejam elas sociais ou culturais, em uma determinada sociedade. Ações de preservação do meio ambiente, preservação do patrimônio, alternativas de sustentabilidade entre o passado e o progresso, são retratadas em reportagens maiores, sugeridas em reuniões de pauta. Nesta edição, um bar (denominado Capibar) que fica localizado às margens do Rio Capibaribe, em Recife, e que foi inteiro construído e decorado com o lixo encontrado e retirado de dentro do rio.

O Rio Capibaribe tem importância histórica para o Estado de Pernambuco e, sobretudo, para o Recife. O rio que ainda hoje é um patrimônio e fonte de renda para centenas de recifenses, é uma vitrine da degradação na ocupação do solo da cidade, devido a carga de esgoto doméstico, detritos industriais e despejo de lixo de forma massiva. Nem mesmo a implantação do projeto de navegação fluvial dentro do perímetro da capital, uma parceria entre o governo federal e estadual, comportou um planejamento de despoluição prévia do rio.

Tendo em vista essa grave situação que afeta a memória e a sobrevivência da cidade, a pauta da reportagem sobre o Capibar surgiu do nosso interesse na inusitada e ousada ideia dos

idealizadores Socorro e André Catanhede para a criação do estabelecimento, que é fonte de renda para o casal e, ao mesmo tempo, tem o intuito de preservar este patrimônio, além de conscientizar as novas gerações para métodos de urbanização mais sustentáveis.

O desafio maior para a produção desta matéria foi o período de fortes chuvas que atingem a cidade no inverno, quando foi necessário aproveitar os poucos dias de fim de semana com sol para a ida ao local. O casal foi bastante solícito e interessado na colaboração com a reportagem sobre o empreendimento socioambiental.

Fez-se necessárias duas idas ao bar, localizado no bairro de Poço da Panela, em dias distintos para a conclusão da pesquisa em campo da reportagem. Na primeira vez foram gravadas as entrevistas com o casal. Porém, não foi possível tirar fotos devido ao longo depoimento prestado gentilmente por ambos, pelo período chuvoso que dificultava as imagens e ao descarregamento da bateria do aparelho smartphone. Em outro dia ensolarado, foi possível tirar várias fotos de Socorro Catanhede que se encontrava no espaço, além de fotos mais nítidas do local.

Para a edição da reportagem, houve um cuidado na descrição do áudio gravado com os depoimentos, devido à grande quantidade de minutos gravados. Havia mais de uma hora de falas, sendo preciso selecionar os pontos mais relevantes para encaixar no que interessava à seção. Em virtude das muitas falas do casal sobre os muitos pontos referentes às lutas jurídicas e sociais específicas que a comunidade vivencia diariamente, nem todos os pontos mencionados puderam ser abordados para a matéria.

Figura 5: Imagem Seção Gente que faz



“Saudade de quê?”: Machado de Assis em seu livro Dom Casmurro nos diz: “Mas a saudade é isto mesmo; é o passar e repassar das memórias antigas”. Valorizando a oralidade como nas histórias há muito contadas pelos antigos, damos voz a algumas pessoas que nos contam em que lugar estão situadas as suas saudades. Com depoimentos curtos nos falam de suas memórias, da saudade de uma época, de algum lugar ou lembrança. Pois, como afirmou Portella (2014, s/p) em sua resenha sobre o livro Oralidade e Cultura Escrita, “Embora seja inegável o avanço tecnológico possibilitado pela escrita na ciência, nas artes e mesmo na linguagem, as culturas orais produzem vocalizações artísticas valiosas”.

Nesse sentido, buscamos valorizar a fala de quem nos conta a sua própria história. Todo mundo tem saudade de alguma coisa, tempo ou alguém, então este acabou sendo um tema de empatia automática com nossos entrevistados. Quando dizemos a eles: “Fale-nos de um lugar ou tempo que não se apaga da sua memória. Conte-nos: você sente saudade de quê?” Automaticamente se começa uma narrativa cheia das mais diversas lembranças e sentimentos.

Talvez porque estas lembranças saudosas sejam as que mais nos marquem. A escritora Martha Medeiros em sua crônica “A dor que dói mais” diz:

Mas o que mais dói é saudade. Saudade de um irmão que mora longe. Saudade de uma cachoeira da infância. Saudade do gosto de uma fruta que não se encontra mais. Saudade do pai que já morreu. Saudade de um amigo imaginário que nunca existiu. Saudade de uma cidade. Saudade da gente mesmo, quando se tinha mais audácia e menos cabelos brancos. Doem essas saudades todas (MEDEIROS, 1998, p. 95).

Depoimentos coletados por Diego Lós:

Roger de Renor- Foram realizadas idas ao Movimento Ocupe Estelita, localizado no cais José Estelita, no bairro do Cabanga e em um dos momentos de intervalo pude obter o depoimento de Roger de Renor. Ele falou rapidamente sobre vários assuntos, mas consegui editar uma memória e enquadrá-la na seção específica.

Luê Ferreira- Meu amigo e vizinho de condomínio, que estava bem próximo e tinha uma ótima história pra contar sobre sua vivência com o Rio São Francisco. O depoimento foi colhido no próprio condomínio, com a foto, gentilmente, cedida pelo entrevistado.

Depoimentos coletados por Juliana Lira:

Foram recolhidos muitos depoimentos desde que essa seção foi definida. Sempre que tinha oportunidade recolhia material para acrescentar a revista, no fim acabamos escolhendo os que achamos melhores e os escrevendo tal qual o entrevistado falou.

Gilson Martins- Funcionário público da prefeitura municipal de Campina Grande que contou dos anos em que morou no Rio de Janeiro ainda adolescente. Com o celular gravei seu depoimento e tirei a fotografia. Também apreciando a oralidade, deixei que falasse livremente por quase 15 minutos sobre suas saudades e editei deixando a parte que ele confessou depois ser a mais saudosa.

Inelda de Cristo- Maquiadora e produtora de filmes campinenses, em conversa descontraída as diferenças da rua em que ela mora foram surgindo e logo ela falou da saudade de sua infância naquela mesma rua tempos atrás. Também com o celular foram gravados, voz e imagens.

Fátima Pereira- Protagonista da matéria “Um doce afrodisíaco”, achei interessante colocar o seu depoimento de saudade, pois foi um dos mais intensos e bonitos que escutei. Ela contou da saudade que sente de sua infância, da cidade que morava. Indagada sobre a possibilidade de retorno ao município de origem, a entrevistada respondeu que “não”, pois para ela aquela cidade de sua infância não existia mais. Fátima completa dizendo que tudo

mudou com o progresso e o tempo. As pessoas também mudaram. E afirmou: “quem não sente saudade de nada, não viveu...”.

Figura 6: Imagem da Seção “Saudade de que?”



Patrimônio: Seção que mostra a história e curiosidades de imóveis, igrejas e lugares tombados pelo patrimônio histórico. Com imagens fotográficas que aproximem o leitor destes lugares. Queremos com isso valorizar estas preservações. Que são do interesse da sociedade brasileira e colaborar para a construção de um pensamento de preservação, especialmente em épocas do avanço do progresso, da modernização das nossas cidades e estruturas urbanas. Esta preocupação com o patrimônio é dever de cada cidadão e por isso mesmo deve ser incentivada. Como afirmou Lemos:

É dever de patriotismo preservar os recursos materiais e as condições ambientais em sua integridade, sendo exigidos métodos de intervenção capazes de respeitar o elenco de elementos componentes do Patrimônio Cultural. É dever, também, de patriotismo preservar o saber brasileiro fazendo com que os conhecimentos de fora o valorizem em vez de o anularem, o que está cada vez mais difícil nesta era das empresas multinacionais comandando nossa economia. (LEMONS, 1985, p. 26)

A matéria sobre a Igreja do Terço, patrimônio arquitetônico de tombamento federal, e do seu pátio no entorno foi uma reportagem bastante trabalhosa, devido às dificuldades de encontrar as fontes de entrevista e a falta de disponibilidade de tempo de algumas delas. Para buscar as pessoas certas, foram importantes os conhecimentos e as informações que busquei com funcionários das instituições de pesquisa, além de observar os vídeos exibidos na exposição “São José - Territórios do frevo”, com curadoria de Hugo Menezes e Carmem Lélis.

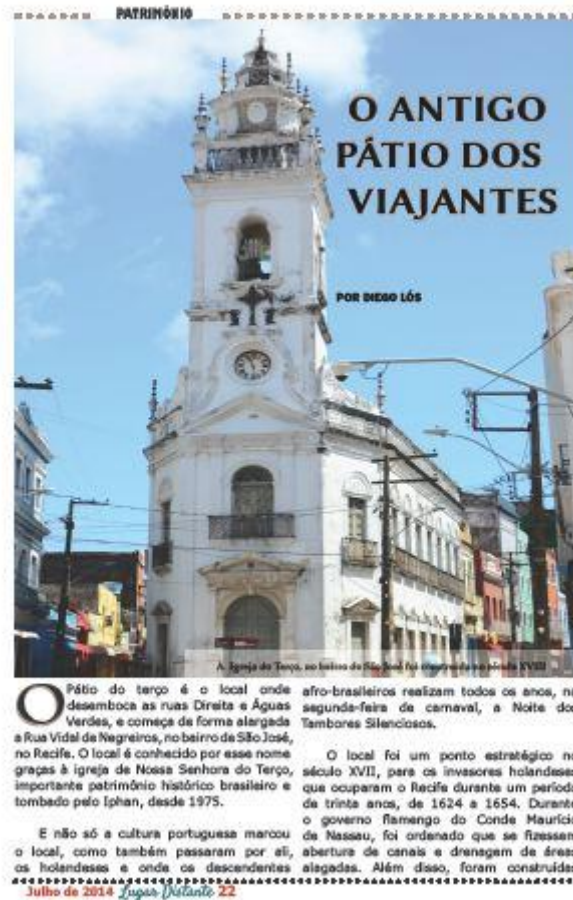
Durante a fase de localização dos entrevistados foi fundamental a ajuda de pessoas que trabalham no comércio do bairro de São José. Através de alguns moradores ou donos de estabelecimento, foi possível identificar à casa de Lúcia, filha da memorável Badia.

Entrei em contato com Sílvia e realizei as entrevistas e fotos. Ela foi bastante receptiva, mesmo com pouco movimento de pessoas no local e se mostrou solidária e entusiasmada com o projeto da revista em valorizar a memória de lugares e pessoas importantes para aquela comunidade, o que contribuiu definitivamente para a realização da matéria.

Após a coleta das entrevistas possíveis dentro do prazo, foi a vez de selecionar as informações adquiridas e construir o texto de forma linear, devido às muitas referências ao passado e ao presente do local. As imagens da igreja tombada foram tiradas anteriormente, com a câmera profissional emprestada pela Universidade Estadual da Paraíba.

Um evento que atrapalhou o andamento da produção desta reportagem, foi um assalto sofrido ao longo do projeto, onde tive o celular antigo roubado. No celular, havia contatos de fontes da Igreja do Terço, além de gravações de depoimentos coletados por pessoas que faziam a rotina da igreja e algumas fotos das imagens e estruturas internas do templo, informação conseguida nos raros momentos em que pude encontrar a igreja aberta.

Figura 7: Imagem da Seção Patrimônio



Tesouros ameaçados: Traz imagens de imóveis, igrejas, lugares antigos e com história, que deveriam ser protegidos ou tombados, mas estão consumidos pelo descaso público ou sendo ameaçados pelos processos do tempo, crescimento desordenado das cidades e/ou pela especulação imobiliária. Com foto do lugar e um texto curto mostramos ao nosso leitor que parte da nossa história está se perdendo. É importante levar ao conhecimento do público esses tesouros ameaçados, para, também, contribuir com o controle dos processos de evolução. Para Lemos (1987, p. 28): “Assim, será mais fácil a manutenção de nossa identidade cultural se soubermos controlar os processos de evolução que fatalmente se desenvolvem mercê de alterações inevitáveis no campo do saber”.

Fazendo conhecer estes lugares, o jornalismo praticado pela revista “Lugar Distante” também colabora, ainda que de forma despreziosa, para a preservação de nosso patrimônio e cultura. Segundo Lemos (1987, p.19),

Preservar não é só guardar uma coisa, um objeto, uma construção, um miolo histórico de uma grande cidade velha. Preservar também é gravar depoimentos, sons, músicas populares e eruditas. Preservar é manter vivos, mesmo que alterados,

usos e costumes populares. É fazer, também, levantamentos, levantamentos de qualquer natureza, de sítios variados, de cidades, de bairros, de quarteirões significativos dentro do contexto urbano. É fazer levantamentos de construções, especialmente aquelas sabidamente condenadas ao desaparecimento decorrente da especulação imobiliária.

Escolhemos para essa edição da revista: a Casa do Leão no Recife e o Cinema Capitólio em Campina Grande, cuja estrutura interna caiu e as paredes estão sendo seguradas por vigas. Tiramos fotos do Cine Eudorado em Campina Grande, antigo cassino no tempo em que a cidade vivia o auge do algodão. Durante a produção final do nosso trabalho, parte do Cassino caiu e a Defesa Civil de Campina Grande declarou que o restante do prédio teria que ser demolido para garantir a segurança do local.

Figura 8. Imagem da seção Tesouros Ameaçados



Comportamento: Nesta seção, reportagens sobre, como o próprio nome da coluna diz, comportamentos. Buscando o diferente. Aquilo que emana de uma história antiga ou um lugar distante de onde a reportagem foi realizada. Por exemplo, a nossa primeira reportagem

deste seção intitulada Paraíso Hare Krishna, realizada durante um domingo inteiro, em que nos foi permitido conviver com a comunidade urbana Hare Krishna de Campina Grande, conhecer suas casas, seu templo, almoçarmos juntos, eles que têm como referência muitos usos e costumes de Vrindavan, uma cidade da Índia.

Quando pensamos nessa seção de comportamento, queríamos algo bem peculiar. Que contrastasse com o ambiente ou que acrescentasse algo aos nossos leitores. A ideia de fazer uma reportagem sobre a Comunidade Hare Krishna surgiu de conversas com amigos que sempre iam fazer visitas ao lugar.

Eles contavam que no condomínio os moradores usavam trajes típicos indianos e que os alimentos eram diferentes, bem como a forma de ver o mundo. Isso nos chamou atenção. Pensamos que seria interessante saber o que esses brasileiros, nordestinos em sua maioria, tinham visto de interessante para absorver características dessa outra cultura, tão distante. Parti para a pesquisa da história e origem do Hare Krishna no mundo e no Brasil.

Não conhecia ninguém da comunidade. Mas pela internet consegui o telefone do Instituto Jaladuta e entrei em contato com o guru responsável pelos ensinamentos religiosos e pelo instituto. Ele permitiu que visitássemos o local no domingo e passássemos o dia inteiro com eles.

Fui com amigos, até onde o ônibus podia nos levar, depois subimos uma ladeira extensa e segundo moradores, perigosa, pois há inúmeros assaltos nas proximidades. Nessa ocasião usei emprestada, a câmera profissional de uma das amigas que me acompanhou.

Conversei com moradores da comunidade que me forneceram dados e relatos. Participei da cerimônia religiosa, visitei a casa de moradores, conversei com o Guru. Almocei no restaurante vegetariano, onde aos domingos as refeições são coletivas e gratuitas. Fui até o instituto, conheci o lugar onde moram os monges e toda a estrutura física do local. Também conversei com visitantes, simpatizantes e devotos. Coletei a opinião de um estudante de psicologia, porque achei pertinente apresentarmos outras reflexões. Assim, em maio já tínhamos material para escrever a reportagem.

Figura 9: Imagem da Seção Comportamento



Conto, Crônica e Poesia: Este é o espaço que reservamos para a literatura e há uma seção reservada para cada um destes três gêneros literário dentro da revista “Lugar Distante”. A cada nova edição, teremos alguns convidados que apresentarão novos conteúdos que aportem para o enriquecimento literário da nossa revista. Estes convidados poderão ser escritores, poetas, historiadores, jornalistas. Isto, sempre em sintonia com a construção de sentido que a linha da revista traz. Não é de hoje que jornalismo e literatura andam de mãos dadas, por isso, para enriquecer o nosso material e chamar a atenção do leitor há este espaço na revista. Sobre a relação entre jornalismo e literatura, ressaltamos o seguinte pensamento:

[...] jornalismo e literatura são atividades que se aproximam porque sobrevivem do mesmo meio, a palavra, e do mesmo fim, a conquista de leitores [...]. Tanto melhor será o jornalismo quanto mais houver de inspiração literária. E tanto melhor será a literatura quanto nela couber o que de mais importante há no jornalismo: a sedução (ARAÚJO, 1993, p. 97).

Para aproximar mais ainda o jornalismo e a literatura definimos três seções fixas que tratassem de literatura: de conto, de crônica e de poesia.

Com isso em mente, entre abril e maio, partimos em busca de pessoas que pudessem enriquecer este material. Por ter um blog literário ficou mais fácil entrar em contato com escritores, pois eventualmente escrevo em parceria com os mesmos. Desse modo, os convidei para contribuírem com textos inéditos e autorais nesta edição, explicando a ideia e o enfoque da Revista “Lugar Distante”.

O primeiro foi Fulvio Ribeiro que mora em Maringá, no Paraná. Ele se propôs a escrever e enviar o material em 15 dias. Para um escritor nem sempre é fácil lidar com prazos, a inspiração vem e vai sem aviso prévio e por conta disso ele adiou a entrega por mais 15 dias.

Com o poeta Abraão Vitoriano o processo foi mais simples, pois ele tinha em seu acervo pessoal poemas inéditos que se encaixavam com a proposta solicitada pela editoria da revista, e prontamente nos enviou.

Rodrigo Apolinário e Bruno Gaudêncio são amigos pessoais. E por já conhecer seus textos e a maneira como escrevem pedi Rodrigo que escrevesse uma crônica e a Bruno Gaudêncio um conto, gentilmente eles os fizeram. Somando mais material inédito a revista. No fim de maio já estávamos com o material literário em mãos.

Figura 10: Imagem da seção Conto

..... CONTO

O NÃO LUGAR



POR BRUNO GAUDÊNCIO

Hoje me lembrei de não se esquecer das velhas fotos do porão. Em vez de cozinhar minha melancólica janta atenta nos passos noturnos para o quarto desmemoriado. A porta aberta bocejava telas de aranha. Os dentes eram cantanas de pastas espalhadas pelo chão. Os olhos do quarto esquecidos estavam fechados e tranquilos. Quanto tempo eu não olhava este amontoado de coisas antigas, perdido nas décadas de um passado de asas cortadas. Peguei a primeira pasta. Foi como se um vulto cãido sucresse em meu lugar espalhando uma poeira fina e imediata pelos quatro cantos do cubículo. Na capa azul estava escrito o antídoto para toda existência: a infância. E lá que depositamos o que somos e seremos sempre: recriações contínuas. Foi folheando cada página da pasta, numa linearidade que abrapava as lágrimas e os sorrisos. O plástico de cada foto lambia as lembranças. Como tive uma meninice boa, daquelas que a velhice vos dá tão imagética que são as memórias. Primeiros passos, primeiros banhos, primeiras brincadeiras, primeiro e único beijo. Prefácio de um livro há muito tempo guardado, esquecido no alto dos anos. Há no final da pasta um bilhete escondido, separado num drape sujo e encardido de sonho e ferrugem. E nela, no preto a branco dos sonhos irreal, estava depositado a cidade onde vivo até hoje. No alto do crubeiro está guardada a escuridão do meu lugarajo: a Bela Vista, o mesmo que foi comido pelo progresso no passar

dos anos. Ruas calçadas sufocaram as líricas paisagens de minha infância. Oh capital da escuridão! Fofo e será sempre uma luz esquecida na janela. Quando a minha infância nos seus percalços. De repente, ouço vozes e um batido forte no porão. Largo tudo, minha memória veste-se novamente na velhice. Saio do porão. Os passos pouco a pouco me levam para a realidade. Abro a porta. E lá não encontro nada. Projeto natos incipientes e queridos e filhos amados e ausentes. Todos estão de passagem estes serem invisíveis e irreais. Pensei que eles queriam apenas um abraço, pois irão viajar para a praia, época de férias. Um deles me entrega um bilhete. Desapego-me deles e ambos vão alegres para o carro no outro lado da rua. Ao sentar no sofá abro os diários do meu nato incipiente. Uma foto relembre o não lugar. Continuo aqui perdido nos porões de memória.



Escritor, jornalista e historiador.
Co-editor da Revista *Ilustrada*, de
Liberatos e Artes.

Julho de 2014 *Lugar Distante* 5

Figura 11: Imagem da seção Crônica

CRÔNICA

Palavra de respeito



- Pai, o senhor pode me ajudar com aquele projeto de leitura? - Disse o namorado de Marina por telefone. O pai disse que sim e confirmou que chegaria logo em casa.
 - O senhor! Engraçado você chamar o seu pai de senhor - falou a namorada que estava ao lado.
 - Por quê? Eu cresci chamando o meu pai de senhor e acho uma forma de respeito.
 - Ah, eu não concordo. Eu chamo meu pai de você e ele nunca reclamou, eu o trato de igual pra igual, penso que o respeito mais assim. Chamar de senhor é tão antiquado, é feio.
 - Eu me lembro que o meu pai sempre chamava o pai dele, meu avô, de senhor e era algo tão bonito. Eu percebia que o pai tinha uma admiração pelo vó, como se dissesse "quero ser um pai como ele". E lembro que, desde quando eu era menino, o meu pai me conduzia para que eu o chamasse de senhor. Quando eu chamava de você, tu... ele reclamava e dizia "me chame de senhor".
 - Eu continuo não concordando - e se detou no colo do namorado.
 De repente, o pai dele chegou em casa:
 - Pai, eu e Marina estamos num debate que precisamos da sua ajuda. Como o senhor se sente quando o chamo de senhor?
 - Respeitado, meu filho, para mim é como um carinho que você me faz.
 - Seu José, me desculpe, mas acho tão feio e não chamo o meu pai de senhor - falou Marina, entrando na conversa.
 - Olha Marina, eu sempre pedi para que meu filho me chamasse de senhor e fiz questão de educá-lo para isso. Eu entendo que, ao me chamar de senhor, ele consegue escutar com mais interesse os conselhos que eu dou. Não é que não somos amigos, mas, além disso, nós somos pai e filho.
 - Mas eu também respeito o meu pai e sou amiga dele...
 - Marina, mas já vi brigas entre vocês, daquelas em que você trata ele como se fosse uma pessoa que conheceu esse mês - retrucou o namorado.
 - É bem verdade que quando ele me dá conselhos que eu não concordo, me vem uma vontade... e geralmente eu falo com ele como se fosse uma pessoa de igual pra igual... as vezes perco o respeito. José pensou um pouco.
 - Eu não posso fazer com que chame o seu pai de senhor. Sei que é apenas uma palavra. Mas posso pedir para que você reflita... Esta é uma palavra que dentro da família pode ser decisiva... a partir dela, eu posso construir uma história de educação, respeito e intimidade com o meu filho. É bem claro que essa palavra não é para ser usada sem sentido... Talvez se os filhos mantivessem palavras como "senhor", pedissem "a bênção"... não veríamos tantos problemas que fazem a família se desestruturar.
 - Vou pensar, seu José.
 - Agora vamos mudar de assunto porque tenho meu projeto de leitura - disse o filho, Pedro, feliz porque fez a namorada refletir.
 - Vamos sim, seu Pedro! - falou o pai.


 Professor Antônio, escritor e jornalista

Julho de 2014 *Lugar Visitante* 14

Figura 12: Imagem da seção Poesia



Receita: Não é de hoje que diversos campos da ciência social veem a comida como fonte de estudo da cultura humana. A comida não está para o homem como para os outros animais que se alimentam apenas para sobreviver. Não pegamos, apenas, o que está ao alcance de nossas mãos para suprir as nossas necessidades vitais. Há um processo de escolha do alimento, do preparo e do resultado final. E, nesse processo de escolha, critérios econômicos, religiosos, nutricionais, dentre outros, são levados em consideração. Nesse sentido, afirma Montanari e Lima (2009, p.107):

Portanto, a comida é cultura, ainda segundo o autor, em todo o seu percurso até a boca do homem: quando produzida, porque não comemos apenas o que encontramos na natureza, mas também criamos nosso próprio alimento; quando preparada, já que este processo criativo implica uma transformação dos produtos-base da alimentação, mediante técnicas elaboradas que expressam as práticas da cozinha; e quando consumida, uma vez que selecionamos o que comer, mesmo podendo comer de tudo, com base nos mais variados critérios (econômicos, religiosos, nutricionais, etc.).

A comida que comemos conta uma história. Ela fala sobre povos. “O homem se alimenta de acordo com a sociedade a que pertence” (GARINE, 1987, p. 4). E isto também é patrimônio que queremos preservar. Contudo, não queremos ir aos hotéis cinco estrelas e contar histórias de pratos sofisticados, queremos contar a história daquele doce feito em casa, daquele preparo especial no feijão de todos os dias que mudou a lembrança dos sentidos de uma determinada família ou comunidade. Como aquele bolo especial que uma avó carinhosa fazia e o neto lembra o cheiro desta memória. Quantas dessas histórias estão sendo se perdendo. Deixar que o entrevistado nos conte em que lugar da sua afeição nasceu essa receita e que memórias, preparar este alimento evoca, assim, de uma conversa descontraída em que deixamos o entrevistado à vontade. Contamos a história por trás da receita e, em seguida, os passos para prepará-la.

Queríamos encontrar uma receita caseira que tivesse uma história interessante. Foi uma tarefa difícil a princípio. Então pensei em pedir ajuda aos amigos no facebook e no twitter. Queria saber se alguém teria uma receita diferente que remetesse a uma saudade ou a um lugar distante.

A busca começou ainda no mês de abril, após definição das pautas. No entanto, as receitas encontradas não tinham o que procurávamos. Até que uma amiga lembrou-se de uma conhecida, que sempre falava sobre uma receita afrodisíaca feita no sertão da Paraíba e passada de mãe para filha. Isso nos chamou atenção. Fui atrás dessa história e de fato havia uma receita de um doce de Gengibre afrodisíaco que, segundo contavam, além de ter efeitos afrodisíacos tinha também efeitos cicatrizantes. Achamos esses mitos e lendas interessantes, mas o que mais chamou atenção foi o fato da dona de casa, Dona Fátima, contar como aquele doce trazia lembranças de sua terra, de sua família, de um passado saudoso que só ela poderia nos contar. Fiz duas visitas à entrevistada. Durante a primeira expliquei o projeto e conversei sobre a possibilidade de ser realizada a matéria. Ela concordou em colaborar.

Depois, marcamos outro dia em que teria os ingredientes em mãos e o material para as entrevistas e fotos. Com um celular e a câmera cedida pela universidade fui pela segunda vez até a casa da filha de dona Fátima, onde fui recebida por boa parte de sua família. E enquanto fazia o doce ela contou a história do doce e as lendas que envolviam aquela iguaria. Deixei o gravador do celular ligado e a oralidade foi invadindo a cozinha, pausada muitas vezes em que precisei tirar dúvidas, fazer perguntas pontuais, ou em algumas vezes em que a emoção tomou conta de dona Fátima. Foi uma experiência muito rica. Poder dar ênfase avoz, as emoções e aos fatos simples e reais.

Além disso, pude constatar na prática o que havia pesquisado de antropologia da comida. Como um alimento pode ser cheio de signos, símbolos e histórias. Como a comida também é cultura. E história.

Figura 13: Imagem da seção Receita

RECEITA



A dona Dona Fátima fazendo o gergelim e a sogra dela Dona Dilma, mostrando o mel de Campina Grande.

UM DOCE AFRODISÍACO

POR JULIANA LIRA

Quando eu faço essa receita lembro logo da minha infância, minha mãe fazia muito, sabe? É assim que Dona Fátima Pereira, 57 anos, começa a contar a história do Doce Afrodisíaco de Gergelim. "Naquele tempo não era assim não, era tudo betido no pilão de madeira, agora é bom".

De uma família de nove irmãs, Dona Fátima veio há muito tempo de Barra de Santana para Campina Grande na Paraíba e logo se adaptou. Hoje ela e os irmãos se sentem campinenses. E quando prepara o doce tem que mandar para todos esses eles. "Acontece que se eu não mando o doce eles ficam logo chateados". Confidência alegre.

Essa receita de família é bastante antiga, nasceu com sua tataravó. Soudosista ela lembra de coisas de sua cidade natal. "Lá, naquele tempo, se o vizinho matasse uma galinha mandava o pedoço pra gente comer também. Quando a gente matava um porco, nem vendia, dividia com os outros, por isso quando minha mãe fazia esse doce, tinha que mandar pra os vizinhos tudo. Era uma união grande".

Para Dona Fátima o doce de Gergelim tem várias funções, ela nos conta que antigamente quando as mulheres iam ter filhos, faziam uma boa quantidade e guardavam para as visitas. Em outro momento acreditavam que era cicatrizante. "Elas sabiam que o doce, forte como é, curava inflamações e infecções". E nos revela, o doce é afrodisíaco. "Esse doce faz a gente sentir um calor grande. É muito bom pra namorar, sabe não? Se você come namora na carta. É de subir pelas paredes".

Relato que é comprovado pela filha dela, Níma. "Quando mãe faz esse doce meu marido já sabe que a festa vai ser grande mais tarde. É tiro e queda, levanta até defunto. Comenta entre risos.

"Mas o melhor do doce é o cheiro de saudade que deixa pela casa. Do tempo em que as coisas eram mais simples, que minha mãe ainda vivia e fazia a rapadura do mel, depois betia no pilão. É um doce que conta uma história toda vez que cozinha. As vezes em voz alta, mas na maioria das vezes só nas minhas lembranças. Conclui, dona Fátima.

Julho de 2014 Lugar Distante 30

Arqueologia: Não concebemos falar de preservação da história de um povo sem falar dos seus antepassados mais antigos. O homem conta sua história há milhares de anos, muito dessa história se perdeu com o tempo, antes da escrita, mas ficaram registros preciosos de sua passagem pelo tempo. O dicionário compacto da língua portuguesa define Arqueologia como: "Estudo da vida e cultura dos povos antigos"(ROSA, 1999, p. 38).

Portanto, esta seção é primordial para o enriquecimento da revista Lugar Distante. Nela, pesquisamos sítios arqueológicos e seus estados de conservação, nos deslocamos até esses lugares, contamos suas histórias, entrevistamos autoridades e pessoas que moram perto. Durante a elaboração do primeiro exemplar, apresentamos aos nossos leitores A Pedra do Touro na cidade de Queimadas, vizinha a Campina Grande, palco de diversas trilhas e escaladas. Com esse intuito, eu e mais alguns amigos trilheiros, fomos até Queimadas de ônibus, durante o mês de maio. Quando cheguei ao topo fiz as imagens que a revista precisava

e documentei a experiência. Gravei depoimentos dos trilheiros e tirei várias dúvidas com a Sociedade Paraibana de Arqueologia.

No alto da pedra se encontra a pintura rupestre de um animal semelhante a um touro e em um estado de conservação bastante duvidoso. Duvidoso o suficiente para ponderarmos o que deixaremos de registros de memória para as futuras gerações.

Esperamos que não apenas shoppings, aeroportos e ambientes projetados com especificações semelhantes umas das outras, o que Marc Augé (1994) chamou de “não-lugares”. Locais que apresentam similaridade com outros locais de outras cidades, tornando “[...] um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero” (AUGÉ, 2003, p. 74).

Nossos antepassados deixaram sua identidade, marcas e signos espalhados pelo mundo. Eles abandonaram a vida nômade e se fixaram em determinado lugar e a partir deste lugar escreveram uma história que ganha ecos até os dias de hoje. É para deixarmos registros desses lugares distantes no tempo, em que homens produziam manualmente suas ferramentas e deixavam vestígios, em pedras, de suas experiências, medos e descobertas, que esta seção existe. Entendemos que se há milhões de anos, um homem se preocupou em deixar um rastro de sua existência numa pintura de um touro, no alto de uma pedra, esse feito deve ser preservado e chegar ao conhecimento do público.

Figura 14: Imagem da Seção Arqueologia



PEDRA DO TOURO: UMA AVENTURA A PROCURA DO PASSADO

POB JULIANA LIRA

A Paraíba é um estado riquíssimo em vestígios arqueológicos. Há segundo a Sociedade Paraibana de arqueologia, pelo menos 600 sítios a céu aberto. Lugar distante, vai levar você para conhecer um desses sítios. A Pedra do Touro na cidade de Queimadas.

Nossa aventura começa em um sábado de manhã cedo. Imaginem uma repórter fora de forma resolvendo escalar uma Pedra de 50 metros. Pois bem, essa repórter sou eu. Claro que tive companhia nessa empreitada, os jornalistas Basílio Neto e Jefferson Gustavo

e o Técnico em Mineração e Interpreta de LIBRAS, Christianne Ribeiro compraram a ideia de se aventurar em busca dos resquícios dos nossos antepassados.

Apesar de conhecida há muito tempo, foi em 1979, no livro da professora Ruth Trindade de Almeida que o primeiro registro deste sítio arqueológico surgiu tal como conhecemos. Depois, em 1997 uma equipe do LAQ (Levantamento Arqueológico de Queimadas) também registrou este sítio rupestre. Mas o que tem excitado nessa Pedra que faz com que tantas pessoas se

Julho de 2014 *Lugar Distante* 15

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Descrever a aventura que foi a elaboração desse projeto para nós dois, é gratificante. Elaborar um projeto editorial e gráfico, criar pautas, ir a campo produzir matérias, tirar fotografias e diagramar o material da nossa revista foi um trabalho de tirar o fôlego. Passamos por cada estágio e em muitos momentos relembramos os aprendizados adquiridos na academia. Ficamos sim, receosos de cometer erros, um pouco inseguros a cada início de entrevista. Buscamos inspiração em cada pessoa que colaborou e acreditou que iríamos conseguir e no fim, mais confiantes, acreditamos no caminho de ética e profissionalismo que a academia nos ensinou a trilhar.

A elaboração deste relatório foi outro desafio, ao quisermos oferecer as nossas experiências, processo de criação e dar algum suporte teórico para não ficarmos apenas nas nossas palavras. Para tanto, foram lidos artigos de várias áreas, como jornalismo, antropologia, arquitetura e letras.

No decorrer do curso, passamos por estágios e fomos construindo os conhecimentos necessários para se elaborar reportagens. Mas essa experiência de ir a campo e realizar este feito foi enriquecedora e agregadora de experiência e conhecimento.

A linha editorial que escolhemos nos deu o estímulo para seguir adiante e a temática da revista nos envolveu de várias formas. Também nós, temos histórias para contar, também sentimos saudades, temos *um lugar* no tempo ou no espaço que acalenta nossos corações. Também nós somos cidadãos e desejamos a preservação da nossa memória, da nossa história, do nosso patrimônio. Por estas razões, nos sentimos felizes e realizados de levar ao leitor uma revista que mantém um olhar voltado para a preservação da nossa cultura, história e patrimônio. Afinal de contas, somos todos passageiros dos lugares que o nossos corações habitam.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Fábio. **A arte da entrevista: uma antologia de 1823 aos nossos dias**. São Paulo: Scritta, 1995.

ARAÚJO *in* CASTRO, Gustavo de; GALENO, Alex (Orgs.). **Jornalismo e literatura: a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

AUGÉ, M. **Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Campinas/SP: Papyrus, 2003

BANDEIRA, Manuel. **Lira dos cinquent'anos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

FERRARI, Maria Helena; SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística**. São Paulo: Summus, 1986.

GALZERANI, Maria Carolina Bovério. **A Tessitura do Conhecimento Histórico e suas relações com a literatura**. In: Anais 2º IV Encontro Nacional de Pesquisadores do Ensino de História. Itajaí: Editora Unijuí, 1999, p. 649-660.

GARINE, Igor de. **Alimentação, culturas e sociedades**. O Correio da Unesco, v. 15, n. 7, p. 4-7, 1987.

LAGE, Nilson. **A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. 7 ed. Rio de Janeiro: Record, 2008.

LE MOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 1987.

MEDEIROS, M. **A dor que dói mais**. Trem-Bala. Porto Alegre: L&PM Editores, 1998.

PIZA, Daniel. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2009.

ROSSI, Clóvis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

ROSA, Ubiratan. **Mini Dicionário Compacto da Língua Portuguesa**. São Paulo: Riedel, 1999.

SCALZO, Marilía. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2008.

SODRÉ, Muniz. **A comunicação do grotesco**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 1976.

VILAS BOAS, Sérgio. **O estilo magazine: o texto em revista**. São Paulo: Summus Editorial, 1996.

REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

CAMPOS, Pedro Celso; **Gêneros do Jornalismo e Técnicas de Entrevista**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/campos-pedro-generos-do-jornalismo.pdf>. > Acesso em maio. 2014

_____. CAMPOS, Pedro Celso; **Técnicas de Entrevista** . Observatório da Imprensa. Disponível em < <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da130320024.htm>> Acesso em maio. 2014

FUNARI, Pedro Paulo Abreu. **Os desafios da destruição e conservação do Patrimônio Cultural no Brasil**. Trabalhos de Antropologia e Etnologia, Porto, 41, ½, 2001, 23-32. Disponível em < <http://www.ufjf.br/maea/files/2009/10/texto1.pdf>>. Acesso em maio.2014.

MONTANARI, Massimo; LIMA, Maria de Fátima Farias de. **Comida como cultura**. Revista de Ciências Sociais, Fortaleza, v. 40, n. 1, 2009, p. 107-111. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/ri/bitstream/riufc/747/1/2009_art_M.Montanari.pdf.> Acesso em maio. 2014.

PORTELLA, Mirtes. **Oralidade e cultura escrita: a tecnologia da palavra**. Disponível em:<http://www4.pucsp.br/revistafronteiraz/numeros_anteriores/n1/resenhas.html.>Acesso em maio. 2014.

SANTOS FILHO, Ivanaldo Oliveira dos; LIMA, José Rosamilton de. **Editorial: gênero de expressão opinativa**. Revista Interdisciplinar, Ano VI, V.14, jul-dez de 2011, p. 87-99. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/interdisciplinar/revistas/ARQ_INTER_14/INTER14_08.pdf.> Acesso em maio. 2014.

SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica de fotojornalismo ocidental**. Disponível em:<http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-historia_fotojorn1.html.> Acesso em maio. 2014.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA1 -Cronograma	10
FIGURA2 -Imagem da seção Entrevista	13
FIGURA3 -Etapas do Projeto	14
FIGURA4 -Imagem do Editorial	24
FIGURA5 -Imagem da Seção Gente que faz	26
FIGURA6 -Imagem da Seção “Saudade de que?”	28
FIGURA7 -Imagem da Seção Patrimônio	30
FIGURA8 -Imagem da Seção Tesouros Ameaçados	31
FIGURA9 -Imagem da Seção Comportamento.....	33
FIGURA10 -Imagem da Seção Conto.....	35
FIGURA11 - Imagem da Seção Crônica	36
FIGURA12 -Imagem da Seção Poesia	37
FIGURA13 -Imagem da Seção Receita.....	39
FIGURA14 - Imagem daSeção Arqueologia.....	41